

Quem são esses moradores de rua? “SÓ TENHO IMPRESSÕES DIGITAIS”¹

Gracielle de Jesus SOARES²

Gilson Moraes da COSTA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

RESUMO

A fotografia, bem como seus inventores e colaboradores imaginaram, serviu para mudar a forma de ver o mundo. Criando diferentes maneiras de observar algo ou alguém e poder eternizá-lo a partir do senso crítico. O fotojornalismo não deixa de ser uma arte, porém sua função é retirar fragmentos do cotidiano por meio da imagem. Este trabalho fotojornalístico tem como recorte, os moradores de rua da cidade de Barra do Garças. São 12 fotografias que retratam de uma forma bastante expressiva, o que eles fazem, como vivem e quem são. Depois de muito observar o vai e vem de moradores de rua no entorno da cidade velha próximo a rodoviária, e receber a proposta de realização de uma fotorreportagem para a disciplina de fotojornalismo, senti o desejo de ir a campo e usar este tema para realizar este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; repórter fotográfico; jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

Em 1826, Joseph Nicéphore Niepce, tirou a primeira fotografia do mundo, se definimos aqui, fotografia como uma imagem inalterável obtida a partir da ação da luz. Niepce fotografou a vista da janela do sótão da sua casa, para isso ele dedicou dez anos de sua vida, em experimentações que o fizeram entrar para história como um dos “pais” da fotografia. De lá para cá muita coisa mudou, os equipamentos se modernizaram e os profissionais tiveram que acompanhar essa mudança.

Para Dubois (1993, p. 61), a fotografia é um índice. Por tanto, nem “espelho do real” como se pretendia no final do século XIX na imprensa e no senso comum, nem simplesmente uma “transformação do real” entendida como redução e distorção desse real, como se denunciou no século XX a falsa neutralidade da mensagem fotográfica. Pois a fotografia guardaria um elo físico com o seu referente.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT/CUA, email: graanola@hotmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMT/CUA, email: gilcostta@gmail.com

A fotografia é um recorte do real e representa um instante que nunca ocorrerá novamente, no entanto, ela também é uma parte do todo que foi escolhida pelo olhar do fotógrafo, ela representa como ele enxerga a realidade e como ele quer que essa realidade seja vista. Isso ele transmite de várias formas, como por exemplo, através da luz, da cena, do enquadramento de personagens e vários outros “artifícios” que podem ser usado para destacar um assunto ou tema.

Roland Barthes afirma, em *A mensagem fotográfica* (1982, p. 11-25), que a fotografia é uma imagem híbrida, pois é construída em parte por um aparelho técnico que capturaria um real puro e em parte por uma mensagem com conteúdo histórico e cultural. Quando o autor fala em imagem híbrida, ou seja, mista, ele quer dizer que uma fotografia, principalmente se tratando de fotojornalismo, não é feita apenas “apertando o botão do obturador”, mas sim, da união da técnica, equipamento e bagagem cultural do fotógrafo, o olhar e a interpretação que ele tem da realidade a sua volta.

2 OBJETIVO

O objetivo desse trabalho é ilustrar através do fotojornalismo, a realidade encontrada nas ruas e calçadas na cidade de Barra do Garças (MT), obtida através de uma análise de campo e constatação da quantidade de moradores de rua que há na cidade. Levando em consideração que a fotografia jornalística busca, não só retratar uma realidade, mas também, e principalmente, expor detalhes comumente não observados no cotidiano.

O conjunto de fotografias jornalísticas dos moradores de rua combinou as condições do fotógrafo, do objeto, que no caso é a problemática social e a mensagem a ser passada, que é a de que existem pessoas, muitas vezes “invisíveis” que sobrevivem e sofrem nas calçadas da cidade.

3 JUSTIFICATIVA

Em 1876, surgiu a *Revista Ilustrada*, que se configurava como uma publicação satírica, política, abolicionista e republicana e que teve circulação até o ano de 1898. Era comum nessa publicação o uso de ilustrações para facilitar a linguagem e torná-la mais acessível. Durante a Guerra do Paraguai, foi publicado na revista *Ilustrada* o primeiro esboço de uma fotorreportagem, exatamente no ano de 1865. Mas não se afirma que essa tenha sido a

primeira reprodução de uma fotografia na imprensa, já que, naquela época, a fotografia estava bastante difundida, e outras fotos podem ter aparecido na imprensa com a intenção de ilustrar um fato, sem que isso tenha sido, necessariamente, declarado.

Neste contexto, uma concorrente da *Ilustrada*, a revista *O besouro*, criada em 1878, publica uma fotorreportagem pela primeira vez sobre a seca de 1877-1879, no Ceará. Nessa publicação, a fotografia aparece pela primeira vez como ponto principal, e a fidelidade com que ela foi exposta no jornal é que assegura o choque que a matéria pretendia causar.

Em contra partida, a fotografia só começou a ser usada pelos jornais diários em 1904, um atraso de pelo menos 20 anos em relação às revistas ilustradas.

Esse trabalho foi realizado para a disciplina de fotojornalismo, como atividade avaliativa final, e busca chamar à atenção da sociedade para a problemática do morador de rua com todo seu poder de denúncia. Ele deve trazer questionamentos tais como: quem são esses moradores? De onde eles vieram? E por que estão ali?

É importante também, acrescentar que o Morador de Rua –Avelino– entrevistado e fotografado para este trabalho, meses depois sofreu um atentado em sua barraca em quanto dormia. A barraca ficou completamente queimada, mas Avelino conseguiu sobreviver.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Diante de infinitas possibilidades de fotografias que existiam nas ruas da cidade de Barra do Garças (cenário onde o assunto se encontra) foram feitos vários recortes da realidade de quem mora na rua.

O anexo dez, por exemplo, não é apenas uma fotografia de uma placa de um futuro prédio residencial. Uma leitura, mas profunda da fotografia revela que ela significa também a incerteza do futuro para os andarilhos, já que na região onde eles ficam será construído um prédio de luxo.

As fotos foram tiradas coloridas e posteriormente um filtro preto e branco foi adicionado sem que houvesse prejuízo ao sentido da imagem. O equipamento utilizado para a realização das fotos foi uma câmera Canon Rebel T3 e lente DSLR 18-50 mm.

Na maioria das fotos, tenta se responder pelo menos duas das cinco perguntas do lead (o que? Como? Onde? Por quê? Quem?). Por que o fotojornalismo, assim como em qualquer produto jornalístico também cobra essas respostas.

Quanto a abordagem aos moradores de rua era feita primeiramente através de um diálogo, a autora se apresentava e se identificava, explicava do que se tratava o trabalho e caso fosse permitido, tirava as fotos e fazia algumas perguntas. Alguns moradores de rua não se sentiram à vontade para colaborar, inclusive alguns agiram com hostilidade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As fotografias jornalísticas contidas nesse trabalho, realizado em campo traz não só informação sobre os números que envolvem os moradores de rua, mas também os anseios, desilusões, e a realidade desses moradores de rua. E isso é possível através de fotografias sensíveis, cujo semblante desses seres humanos tão dizimados, sobressai a todo o momento. Sebastião Salgado é referência mundial quando se trata de fotojornalismo, suas fotografias, apesar de jornalísticas são verdadeiras obras de arte. Além das fotos ele também escreve crônicas sobre a vida das pessoas excluídas, trabalho que tem como fruto, a publicação de dez livros e várias exposições ao redor do mundo.

“Minha maior esperança é provocar um debate sobre a condição humana do ponto de vista dos povos em êxodo de todo o mundo. Minhas fotografias são um vetor entre o que acontece no mundo e as pessoas que não têm como presenciar o que acontece. Espero que a pessoa que entrar numa exposição minha não saia a mesma.” (SALGADO, 2000).

As fotografias dos moradores de rua de Barra do Garças em anexo, foram compostas dessa forma, primeiro foi feito o estudo do ambiente onde seriam tiradas as fotos, o horário do dia em que aquele local ficaria bem iluminado, quantos deles costumam ficar por ali. Foi feita entrevistas com os próprios moradores.

Não bastou analisar, somente a abertura, a velocidade, ou a distância focal, mas também, todo o entorno da cena que se desejava retratar.

É claro, que muitas vezes no fotojornalismo, não há tempo para tudo isso, que é preciso chegar, olhar e fotografar. Pois o assunto não espera, a notícia corre e é preciso acompanhá-la.

As fotografias foram feitas em duas semanas, um tempo considerável para ser obtida tal qual se apresentam. Algumas foram tiradas de longe, outras mais de perto, isso variou de acordo com a proximidade dada pelos moradores de rua.

Quanto à configuração preferiu-se a utilização de filtro preto e branco, almejando um resultado mais sóbrio e reflexivo. Ressalto aqui, que não foram utilizadas as configurações automáticas, disponíveis do equipamento. As fotos conversam com o texto que serve de legenda, casando imagem e textualidade.

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir fotorreportagem não é fácil, e ninguém começa do zero, ou pelo menos não deveria. É necessário muito estudo e dedicação. Hoje os equipamentos, já digitais facilitam um bocado o trabalho, porém a técnica dos analógicos nunca deve ser deixada de lado.

Outra questão que sobrevoa o universo do fotojornalismo, é a questão ética. Até onde é possível tratar uma imagem?

Segundo Cláudia Maria Teixeira de Almeida (2006) Desde a primeira publicação de uma fotografia na imprensa– em 1842, das ruínas de um incêndio num dos bairros de Hamburgo, na Alemanha –, que a fidelidade de suas informações é questionada.

“Na época como as técnicas de impressão eram rudimentares, as fotografias tinham que ser “copiadas” (entalhadas) por um gravurista antes de serem produzidas. Este vez ou outra alterava as informações contidas no original. Quase dois séculos mais tarde, a verdade entre a imagem original e a reproduzida pelos veículos de comunicação de massa ainda gera dúvida. A diferença é que, em termos técnicos, a discussão é diametralmente oposta. No início, ela era pautada pela precariedade dos recursos técnicos; atualmente, ao contrário, pelo desenfreado avanço da tecnologia e suas possibilidades de interferências nas imagens originais.” (Almeida 2006)

É importante salientar que manipulação é diferente de tratamento. Diz-se que a imagem foi tratada quando ela se diferencia da original apenas no que diz respeito à cor, brilho, contraste, saturação, exposição, etc. Normalmente, as imagens passam por tratamento na intenção de melhorar a qualidade final e não para alterar o seu sentido.

Por outro lado, na manipulação – no caso específico do fotojornalismo – existe interferência na realidade dos fatos. Elementos podem ser acrescentados ou excluídos, dependendo da intenção de quem a manipula. Neste caso, o real pode ser transformado em ficção.

Concluí-se então que o fotojornalismo, se usado com o objetivo de enriquecer a informação e promover recursos que facilitem o entendimento da mensagem por parte do receptor, é uma técnica facilitadora e inteligente, por que ela informa e faz com que as pessoas façam a análise do que está sendo informado.

Este trabalho me despertou a noção entre ver e realmente enxergar. Passar por moradores de rua todos os dias e notar a sua presença é comum, porém observar como eles vivem e por que foram parar em tal situação é extraordinário.

Conversar com o Senhor Avelino Soares, e perceber o quanto para a ele a vida dele é boa do jeito que ela é, me abriu janelas de entendimentos que nunca antes havia pensado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORTON, Fred. *Figuring Jaspers Johns*. London: Reaktion Books, 1994.

CHIPP, H. B. – *Teoria da Arte Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BUSSELE, Michael – *Tudo sobre fotografia*. São Paulo: Editora Pioneira, 1990.

KOZLOFF, Max. *A subjetividade, a fotografia e suas múltiplas leituras*. In: COLOQUIO LATINO AMERICANO DE FOTOGRAFIA, 2. Feito na América Latina. 1986.

SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro*. São Paulo, 1992.

ALMEIDA, Claudia A ética no fotojornalismo da era digital. Londrina, 2006.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

APÊNDICE

Legendas das fotografias:

Anexo um: No Brasil há cerca de 192 milhões de habitantes, segundo o CENSO do IBGE. Entre 0,6% a 1% é população de rua.

Isso significa 1,8 milhões de moradores de rua em todo o território brasileiro.

Anexo dois: A vida deles não é simples ou óbvia, ela esconde diversidades, dificuldades e traumas bem complexos. Essas pessoas apresentam diferentes histórias de vida.

Anexo três: Em Barra do Garças, os motivos que levaram essas pessoas para as ruas são três principais: tragédias, problemas familiares, e problemas econômicos.

Anexo quatro: Jair, que é nascido e criado em Barra, vive na rua há dois anos e diz referindo-se a sua família:

“eu só não fico com ela por que não dou certo com ela”

Anexo cinco: A maioria dos moradores de rua da cidade, preferem ficar no porto do baé, por causa da facilidade em encontrar água, mas ficam também nas proximidades da antiga rodoviária.

Anexo seis: O contraste da desigualdade social, torna o futuro para eles nesse local incerto, Em breve um residencial Será construído nessas mediações da cidade velha.

Anexo sete: Os trabalhos mais comuns realizados por eles são, trabalhar em chácaras e fazendas na região, tomar conta de carros, catar latinhas e com menor frequência, carregar e descarregar caminhões.

Anexo oito: Há também, entre eles, alguns que conseguem parte de sua subsistência trabalhando em artesanato E vendendo esses objetos. Avelino Soares Neto é um deles, ele mesmo faz o seu sustento.

Anexo nove: A presença desses indivíduos nas ruas incomoda os proprietários de estabelecimentos no “Porto do Baé”. Segundo eles, os moradores de rua atrapalham e intimidam os clientes.

Anexo 10: Em agosto de 2011, o Ministério Público do Estado de Mato Grosso fez uma vistoria e encaminhou uma notificação à Secretaria Municipal de Ação Social recomendando uma série de providências para assegurar o atendimento integral às pessoas que estão morando nas ruas de Barra do Garças.

Anexo 11: Entre as recomendações do Ministério Público, estão a inclusão do grupo em programas de moradia ou a implementação da política de Locação Social que prevê a possibilidade de estabelecimento de bolsas de aluguel ou alternativas de moradia compartilhada

Anexo: 12 “Sei lá quanto tempo estou na rua, a gente que anda pensa no agora”.

“Pra Jesus só peço duas coisas, saúde e coragem. E ele me dá muito”.

AVELINO SOARES NETO
“nome de um avô que eu não conheci”